

EDITORIAL

Estes são tempos perigosos, mas desafiantes para a saúde

Cristina Vaz de Almeida* e Diego Viana Gomes**

*Editora-Adjunta

**Editor

Estes são tempos perigosos para o bem-estar do mundo (WHO, 2002), segundo palavras da diretora-geral da WHO em 2002. No início da 3ª década de 2000, o mundo continua marcado por essas palavras. Os riscos para a humanidade no campo da saúde são vastos, permanentes, e muitas vezes não expectáveis, embora possam ser previsíveis.

A pandemia provocada pela disseminação do vírus SARS 2-, chamado de COVID – 19, mostrou ao mundo, incluindo os acadêmicos e investigadores, que as formas de debelar o risco passam também pela investigação, reflexão e debate aceso que se fazem dos temas, ampliando conhecimentos e capacidade de resposta aos desafios permanentes.

Lidar com a saúde é lidar com a contínua resolução de problemas (Kim & Grunig, 2011), no qual o público alvo incluem os pacientes, os profissionais de saúde, os gestores das organizações de saúde, os legisladores, os media e todos os restantes *stakeholders*, são ativados através do conhecimento, envolvimento e motivação, reconhecem os problemas que os afetam, organizam-se e agem para resolvê-los.

O contraste no mundo manifesta-se. Nos países pobres existem 170 milhões de crianças com menos peso, das quais mais de três milhões morrerão em cada ano. Por outro lado, há mais de mil milhões de adultos em todo o mundo que têm excesso de peso e pelo menos 300 milhões que são clinicamente obesos. Entre estes, cerca de meio milhão de pessoas na América do Norte e na Europa Ocidental terão morrido anualmente devido a doenças relacionadas com a obesidade (WHO; 2002, p. 4).

A OMS (2002) anunciava em 2002 que os 10 maiores riscos evitáveis a nível mundial estavam relacionados com a infância e o baixo peso; sexo inseguro; pressão arterial elevada; tabaco; álcool; água, saneamento e higiene inseguros; colesterol elevado; fumo de combustíveis sólidos; deficiência de ferro e excesso de peso/obesidade. Estes fatores eram e são responsáveis por cerca de 40 por cento dos 56 milhões de mortes que ocorrem anualmente em todo o mundo e um terço da perda global de anos de vida saudáveis. Em 2020, a OCDE/União europeia (2020) anuncia no seu relatório anual *Health at a Glance: Europe 2020* que ouve um claro gradiente social nas mortes COVID-19, nomeadamente, pessoas pobres, pessoas que vivem em zonas desfavorecidas e minorias étnicas que foram desproporcionadamente afetadas” (OECD/European Union, 2020). Esta organização (OECD/European Union, 2020) realça a necessidade urgente de uma forte aposta nas políticas para combater os determinantes sociais da saúde, incluindo políticas sociais e económicas inclusivas e intervenções para além do sistema de saúde que abordam as causas fundamentais das desigualdades. Esta reflexão tem de passar necessariamente por mais investigação e apresentação de soluções seja por investigadores, académicos, profissionais e outros *stakeholders* da saúde. A saúde representa uma constante resolução de problemas dos indivíduos, das populações, do sistema. Mas para que isso aconteça, devem existir processos de ativação dos indivíduos e grupos, para que se possam disseminar boas práticas.

Uma grande percentagem da população tem baixos níveis de ativação (Hibbard & Gilbert, 2014), sendo este um conceito “comportamental” (p. 7) definido como o "conhecimento” (*knowledge*), capacidade (*skill*) e confiança (*confidence*) de um indivíduo para gerir sua saúde e cuidados de saúde” (p. 7) e, por isso, com limitações relacionadas com as crenças e confiança na gestão de tarefas de saúde e conhecimentos (p. 7).

Os públicos ativos e participativos, com conhecimento e envolvimento (Hallahan, 2000), são os que participam, procuram, fazem triagem e transmitem informação (Kim & Grunig, 2011),

Neste âmbito de urgência de busca de soluções, mesmo que parcelares, e da necessidade de partilhas, surge *o Jornal de Investigação em Saúde*, que vem posicionar-se no meio fértil das publicações em saúde, mas sem ambições de concorrência, pois o espaço académico e de investigação é tão imenso para o debate que serão precisos muitos mais reforços no futuro próximo.

Abrimos as portas aos investigadores que tenham desenvolvido estudos e pesquisa nas diversas áreas da saúde, associadas aos cuidados e à promoção da saúde, prevenção da

doença, assim como no campo da literacia em saúde nas dimensões do acesso, compreensão e uso da informação em saúde e da navegabilidade no sistema.

Com este Nº 2 temático, pretendemos obter uma visão transversal da saúde nos domínios da mudança de comportamentos, dos cuidados de saúde, da promoção da saúde e das intervenções diversas que promovem melhor saúde e bem-estar. Os eixos de ação deste Nº 2 do JIM assentaram em 1. Reflexões sobre a mudança de comportamento em saúde; 2. Reforçar importância da literacia/letramento em saúde como forte determinante da saúde e do bem-estar nas dimensões da compreensão e uso da informação em saúde; 3. Apresentar soluções na área da saúde física, da nutrição e dos estilos de vida saudável. Dessa forma, a produção científica apresentada nesta edição colabora trazendo informações originais e revisões sobre saúde no âmbito biopsicossocial, alimentando a sociedade com conhecimento para combater o COVID, a obesidade e a falta de conhecimento (Guimarães, 2020).

Contamos nesta edição, Volume 1, nº 2 com quatro artigos de investigadores de diversas áreas do saber que desenvolvem também as suas atividades profissionais em vários campos da saúde, e que têm vindo a contribuir de forma consolidada para um maior conhecimento no terreno fértil da investigação em saúde. Destes artigos o 1º desenvolve as questões da saúde associada aos idosos e às doenças crónicas, nomeadamente *diabete mellitus* (Veiga, 2020); o 2º artigo centraliza-se nas questões das práticas alimentares, sobre o jejum intermitente e as suas vantagens e desvantagens (Alves *et al.* 2020), o 3º artigo aborda as questões alimentares durante a pandemia (Vieira *et al.* 2020), e o 4º artigo incide também sobre a temática da pandemia e os benefícios do exercício físico e da nutrição (Nogueira *et al.* 2020)

Incentivamos, por isso, os investigadores e profissionais das áreas da saúde que tenham pesquisa feita ou em desenvolvimento, que contribuam para ampliar o conhecimento científico e prático, numa ótica de investigação-ação e submetam os seus trabalhos. Esta riqueza de conhecimento tem como garantia a qualidade dos seus autores que contribuem para uma rede científica mais forte, assim como para a valorização da investigação-ação e das linhas promotoras de mudança na saúde e no bem-estar do ser humano.

Os Editores

Cristina Vaz de Almeida (Editora-Adjunta)

Diego Viana Gomes (Editor)

Referências

- Almeida, C. V. (2019). Modelo de comunicação em saúde ACP: As competências de comunicação no cerne de uma literacia em saúde transversal, holística e prática. In C. Lopes & C. V. Almeida (Coords.), *Literacia em saúde na prática* (pp. 43-52). Lisboa: Edições ISPA [ebook] Disponível em: <http://loja.ispa.pt/produto/literacia-em-saude-na-pratica>
- Almeida, C. V. (2018). Literacia em saúde: Capacitação dos profissionais de saúde: O lado mais forte da balança. In C. Lopes & C. V. Almeida (Coords.), *Literacia em saúde: Modelos, estratégias e intervenção* (pp. 33-42). Lisboa: Edições ISPA.
- <http://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registo?2016487>
- Almeida, C.V., Moraes, L.K., & Brasil, V.V. (2020). *50 Técnicas de literacia em saúde na prática. Um guia para a saúde*. Alemanha: Novas Edições Académicas. Disponível em: <https://www.morebooks.de/store/es/book/50-t%C3%A9cnicas-literacia-em-sa%C3%BAde-na-pr%C3%A1tica/isbn/978-620-2-55882-2>
- Guimarães TT, Santos HMB, Sanctos RTM (2020). INATIVIDADE FÍSICA, DOENÇAS CRÔNICAS, IMUNIDADE E COVID-19. *Rev Bras Med Esporte*. 26(5):378-381
- Grunig, J. E. (1997). A situational theory of publics: Conceptual history, recent challenges and new research. In D. Moss, T. MacManus & D. Verčič (Eds.), *Public relations research: An international perspective* (pp. 3-48). London: International Thomson Business Press
- Hallahan, K. (2000). Inactive publics: The forgotten publics in public relations. *Public Relations Review*, 26(4), 499-515.
- Hibbard, J., & Gilbert., H. (2014). *Supporting people to manage their health: An introduction to patient activation*. London: King's Fund.
- Kim, J. N., & Grunig, J. E. (2011). Problem solving and communicative action: A situational theory of problem solving. *Journal of Communication*, 61, 120-149.
- OECD/European Union (2020), *Health at a Glance: Europe 2020: State of Health in the EU Cycle*, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/82129230-en>.
- WHO (2020). *Guidelines for public health topics in crises*. [online] Disponível em: <https://www.who.int/hac/techguidance/pht/en/>
- WHO. (2002). *Reducing risks, promoting healthy life*. Geneva: WHO. Disponível em: <https://www.who.int/whr/2002/en/>

e-ISSN: 2184-7509